

CADERNO DE RESUMOS DA COMUNICAÇÃO COORDENADA 1

Sessão: CC_01A	
Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00	
Local: Auditório 1 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 43)	
Projeto Izidora: intersectorialidade na transformação das realidades ambientais do território	
Eixo temático: Ecologia e meio ambiente	
Participantes	Afiliação
Vanessa de Almeida Guerra (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
<p>Lattes: http://lattes.cnpq.br/7148215603678213</p> <p>Formação: Doutorado na Faculdade de Saúde Pública - USP, em Promoção da Saúde (2012); Mestrado em Epidemiologia pela UFMG (2003) Graduação em Fisioterapia pela FCMMG (1999)</p> <p>Atuação: Professora Adjunta do curso de Gestão de Serviços de Saúde da UFMG Coordenadora da Coordenação de Hipertensão e Diabetes, na Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (2002-2006) Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, responsável pela Política Municipal de Promoção à Saúde (2008 a 2012). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte (a partir de 2008)</p>	
Daniela Santos Serpa Siqueira	Universidade Federal de Minas Gerais
<p>Lattes: http://lattes.cnpq.br/3157854130277256</p> <p>Formação: Graduação em Gestão de Serviços de Saúde (Em curso - 5º Período) - Universidade Federal de Minas Gerais</p> <p>Atuação: Universidade Federal de Minas Gerais - Hospital das Clínicas Estagiária Setor de Resíduos - 20hrs semanais Universidade Federal de Minas Gerais - Bolsista Projeto de Extensão Transformação da Realidade Ambiental para Promover a Saúde no Território/ SIEX UFMG</p>	
Kátia Costa Campos	Universidade Federal de Minas Gerais
<p>Lattes: http://lattes.cnpq.br/6606881567693078</p> <p>Formação: Doutoranda pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) Especialização em Gerência de Unidades Básicas de Saúde pela OPAS-CEUBSES.DF(1994) Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985)</p>	

Atuação:

Professora Assistente no Curso de Gestão de Serviços de Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais
 Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem (NUPEPE) (2010-2016).
 Coordenadora de Atenção Básica na Gerência Regional de Saúde de BH - SES-DF (2005-2007).
 Coordenadora do Núcleo de Educação para o Trabalho em Saúde no Regional Sul da SESDF (1995-1998).

Daniela de Almeida Ochoa Cruz

Universidade Federal de Minas Gerais

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2625114730551941>**Formação:**

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996)
 Mestrado Profissional de Promoção da Saúde e Prevenção de Violências/UFMG – Faculdade de Medicina (Em Curso - 2016)

Atuação:

Enfermeiro da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
 Coordenadora do Projeto Izidora

Resumo Geral

Belo Horizonte, banhada por sub-bacias hidrográficas, Ribeirão Arrudas e Ribeirão do Onça, que compõem a bacia do Rio das Velhas. Sofre com crescente urbanização, aumento da população o que gera impactos ambientais de degradação do território e poluição das águas. Em 2012, foi criado Núcleo de Revitalização da Bacia do Ribeirão do Izidora e uma das ações preconizadas é o Gerenciamento de Resíduos Sólidos com ações intersetoriais de educação e gestão ambiental realizadas em um centro de saúde e escolas municipais da regional Venda Nova. No Centro de Saúde (C.S.) os funcionários são mobilizados a serem “Guardiões da Saúde” com ações de uso consciente dos recursos naturais, práticas sustentáveis e educação ambiental, para promover a transformação ambiental do território. Os Guardiões da Saúde identificaram os catadores de materiais recicláveis da área de abrangência e constataram que eles vivem da catação, mas são explorados por atravessadores que compram o material por preço irrisório. Parcerias são feitas para criar a associação dos catadores, tornando-os mais fortes alcançando renda justa. A comunidade será sensibilizada para incorporar a coleta seletiva solidária. O projeto atua, também, em doze das vinte escolas municipais, inscritas para o Projeto da Regional, por meio de apresentações lúdicas para alunos sobre temática e convite para serem “Guardiões da Escola”, tornando-se multiplicadores das ações de educação ambiental no ambiente escolar. Essas referem-se a implantação da coleta seletiva, buscando mudar opiniões a respeito dos resíduos gerados, reciclagem e papel do catador. São implantadas por etapas para despertar a cidadania, além de valorizar o trabalho do profissional catador. Tendo em vista os bons resultados, a proposta é ampliar para outras áreas de abrangência dos C.S. e escolas, além das regionais Norte e Pampulha, pelas quais correm as águas do Izidora. Espera-se que futuramente, possam ser ampliadas a outras bacias do município.

Resumo individual 1**Autores:** Daniela Santos Serpa Siqueira**Resumo individual 2****Autores:** Kátia Costa Campos**Resumo individual 3****Autora:** Daniela de Almeida Ochoa Cruz

Sessão: CC_01B

Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00

Local: Auditório 2 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)

Título da comunicação coordenada (submissão 21)

Representações da violência urbana na Literatura, na Música e nas Artes

Eixo temático: Espaço urbano e violência

Participantes

Afiliação

Elcio Loureiro Cornelsen (Coordenador)

Universidade Federal de Minas Gerais

Professor Associado III da Faculdade de Letras da UFMG, atuando nas áreas de Língua e Literatura Alemã, e Letras (graduação), e de Teoria da Literatura e Literatura Comparada (pós-graduação). É credenciado também na área de Estudos do Lazer (pós-graduação), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Doutor em Estudos Germânicos pela Freie Universität Berlin, na Alemanha (1999), com pós-doutorado em Estudos Organizacionais pela Fundação Getúlio Vargas (2005) e em Teoria Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp (2010). Entre outras, co-organizou as seguintes obras: Literatura e Guerra (2010), Imagem e Memória (2012), Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer (2015), e Em torno da imagem e da memória (2016). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Endereço eletrônico: cornelsen@letras.ufmg.br

Denise Borille de Abreu

Universidade Federal de Minas Gerais

Mestre em literaturas de língua inglesa (UFMG). Desenvolveu sua tese de doutorado, sobre narrativas femininas de guerra, numa parceria entre a PUCMINAS e a Kingston University London, onde aprofundou seus estudos em narrativas de vida (life-writing), sob orientação da Dra. Meg Jensen. Atualmente é pós-doutoranda na FALE/UFMG, vinculada ao NEGUE (Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura). Sua pesquisa busca estabelecer conexões entre narrativas de vida e direitos humanos.

Adélcio de Sousa Cruz

Universidade Federal de Viçosa

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa e pesquisador da linha “Literatura, Cultura e Sociedade; possui doutorado em Literatura Comparada pelo PósLit/UFMG (Conceito 7 – CAPES), com a tese Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz, que recebeu menção honrosa da CAPES em 2010 e foi publicada no ano de 2012. Possui capítulos publicados em Literatura e afrodescendência no Brasil – antologia crítica (2011). Mestre em Teoria da Literatura e licenciado em Língua Inglesa também pela UFMG. Participa ainda, na condição de pesquisador, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG) e do Núcleo de Letras e Artes Performáticas (NELAP/UFMG). Atualmente, desenvolve o projeto de pesquisa intitulado “Literatura contemporânea brasileira: diálogos e desafios”, cujos desdobramentos possuem interseções com a Teoria da Literatura, os Estudos Culturais, a Estética, a Arte e a Performance.

Resumo Geral

A presente proposta de Sessão Coordenada visa a integrar 03 comunicações relacionadas com o eixo temático 8 – “Espaço urbano e violência”. A partir de uma abordagem estética, serão apresentadas e analisadas formas de representação da violência urbana na Literatura, na Música e nas Artes. Nesse sentido, o espaço urbano é considerado tanto a partir de suas manifestações simbólicas que remetem a atos de violência – por exemplo, conforme Denise Borille de Abreu concebe a representação feminina em monumentos de guerras na comunicação “O que deseja um corpo de mulher? Representações de mulheres e de violência em monumentos urbanos de guerra” –, como também em termos de ambiente de instituição de práticas violentas e discriminatórias – por exemplo, conforme propõe Adélcio de Souza Cruz na comunicação “A violência sob a perspectiva das disputas dos olhares e narrativas urbanas” –, ou ainda como espaço periférico de marginalização social, minado pela violência – segundo a proposta de Elcio Loureiro Cornelsen na comunicação “Imagens do espaço urbano e da violência na Música Popular”. Portanto, cada uma ao seu modo, tais comunicações tencionam colaborar para os debates em torno do eixo temático “Espaço urbano e violência”, num viés que reflete sobre a necessidade cada vez mais premente de se pensar a relação entre “Territorialidades e Humanidades”, seja no sentido de democratização do espaço urbano a partir de uma socialização equalitária, seja no sentido da observância e garantia dos Direitos Humanos às populações enquanto caminhos de se reduzir os atos de violência.

Resumo individual 1

Autora: Denise Borille de Abreu

O propósito desta palestra é analisar como os monumentos urbanos de guerra, em particular aqueles que retratam corpos de mulheres em sua composição, propiciam reflexões diversas a respeito da violência que a guerra exerce sobre as mulheres. Parte-se do pressuposto, aqui, que as narrativas de vida do sujeito traumatizado perpassam a relação escrita e inscrevem-se no corpo representado. Os corpos que aparecem nos monumentos de guerra também trazem histórias de vidas que merecem ser devidamente perscrutadas. Uma leitura estética destes monumentos urbanos de guerra pode ser estabelecida, tomando-se como referenciais teóricos a maneira como a guerra precariza os corpos (Butler) e a crítica à monumentalização da violência, ou seja, a uma suposta “versão definitiva” da memória de um evento (Hoskins). Para tanto, serão considerados os seguintes exemplos: o monumento em homenagem a Sadako Sasaki, no Parque do Memorial da Paz (Hiroshima, Japão); o monumento às chamadas “mulheres de conforto” (Seul, Coreia do Sul); o monumento às enfermeiras canadenses da Primeira Guerra Mundial de Ascot Vale Park (Victoria, Canadá) e, por último, o monumento às mulheres da Segunda Guerra Mundial, em Westminster (Londres, Reino Unido).

Resumo individual 2

Autor: Adélcio de Sousa Cruz

A constatação da presença da violência é dada primeiramente pela concretude de atos que perpassam pelo convívio doméstico, escolar, no ambiente do trabalho, nas ruas e mesmo quando isto resulta em vítimas, fatais ou não, de crimes e acidentes de trânsito. Entretanto, nos interessa um aspecto muito particular e nem sempre percebido a partir da materialidade do fenômeno: a diversidade de olhares e narrativas em disputa pela visibilidade e/ou ocultamento de elementos que dizem respeito à presença da violência no meio urbano. Neste confronto, nem sempre abertamente declarado, surgem posicionamentos e/ou afirmações como “moro dentro do tema” – em relação ao campo artístico-literário –, ou “isso é assunto de polícia”, “isso é da alçada da justiça criminal” (e agora, mais explicitamente, políticojurídica). Aparentemente desconectadas, as narrativas dos campos artístico-literários e aquelas criadas por determinadas instâncias do Estado conseguem produzir, cada uma a seu modo, marcas e/ou registros que terminam por legitimar ou instituir, seja a partir da violência ou apesar dela, formas de pensar e atuar nos chamados domínios territoriais urbanos. Ressalta-se, entretanto, um componente essencial a tais narrativas: seu caráter performático, compreendido muito sucintamente aqui, como (re)apresentação de ações do passado e também do presente de identidades vinculadas a conceitos como campo artístico-literário e/ou ao campo jurídico-político. Os pontos de partida desta comunicação são respectivamente: a experiência de análise, como pesquisador, da narrativa literária urbana contemporânea, no tocante à representação da violência seja de raça, classe e/ou gênero; à presença das narrativas das instâncias do Estado (denominadas, por Bourdieu, de Aparelhos Ideológicos de Estado) que, em última instância, parecem desejar regular, de modo quase totalitário, toda e qualquer decisão sobre a utilização direta de narrativas e/ou ações performáticas relacionadas à violência.

Resumo individual 3

Autor: Elcio Loureiro Cornelsen

Nossa contribuição visa a uma reflexão sobre a produção musical em torno da violência no espaço urbano. Para esse intuito, selecionamos as letras das seguintes canções para formar o corpus de análise: “De frente pro crime” (1975), de João Bosco, “Veraneio vascaína” (1986), do grupo Capital Inicial, “Periferia é periferia” (1997), do grupo Racionais MC’s, e “Minha alma” (1999), do grupo O Rappa. Nosso objetivo é, a partir de uma análise discursiva dos referidos textos, investigar os modos de representação da violência e do espaço urbano na Música Popular, num período que vai da década de 1970 à década de 1990. Basicamente, enquanto que em “De frente pro crime” um “corpo estendido no chão” parece despertar curiosidade e, ao mesmo tempo, indiferença daqueles que o vêm caído ali na rua, coberto por um jornal, vítima de mais um crime, “Veraneio vascaína” transmite uma imagem da violência policial no espaço urbano, em que há o alerta de “Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio”, num temor de se lidar com a “ordem” do Estado. Por sua vez, “Periferia é periferia”, como o próprio título indica, delimita o espaço urbano à margem – “Esse lugar é um pesadelo periférico”, marcado por violência, miséria e drogas – “Muita pobreza, estoura violência...”. De maneira semelhante, a letra de “Minha alma” também aborda o espaço urbano minado pela violência – “As grades do condomínio/ São para trazer proteção/ Mas também trazem a dúvida/ Se é você que está nessa prisão”. Entre “proteção” e “prisão”, questiona-se “a paz que eu não quero seguir”. Cada uma ao seu modo, tais canções produzem imagens do espaço urbano associado à violência.

Sessão: CC_01C

Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00

Local: Auditório 3 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)

Título da comunicação coordenada (submissão 151)

O ensino-aprendizagem de Português como Língua Adicional no cenário de internacionalização universitária: propostas e experiências para processos de territorialização

Eixo temático: Identidades e línguas

Participantes

Afiliação

Leandro Rodrigues Alves Diniz (Coordenador)

Universidade Federal de Minas Gerais

Leandro Rodrigues Alves Diniz é mestre e doutor em Linguística pela UNICAMP e professor adjunto da UFMG

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6131363509796975>.

Ana Cecília Cossi Bizon

Universidade Estadual de Campinas

Ana Cecília Cossi Bizon é mestre e doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. É docente do Instituto de Estudos da Linguagem dessa mesma universidade.

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8527660527228028>

Marcela Dezotti Cândido

Universidade Federal de Minas Gerais

Marcela Dezotti Cândido é graduada em Linguística e em Letras-Português e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (Poslin/UFMG).

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/042196201572670>

Yara Carolina Campos de Miranda

Universidade Federal de Minas Gerais

Yara Carolina Campos de Miranda é licenciada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação em Língua Espanhola e Língua Portuguesa. Atualmente, é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG). Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8550673296885611>

Ana Paula de Araújo Lopez

Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Paula de Araújo Lopez é mestranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais e professora voluntária do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei.

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5192187321944994>

Resumo Geral

Os processos recentes de globalização (SANTOS, 1995, 2000; MIGNOLO, 2000), que seguem reinventando as noções de distância, espaço-tempo e territórios, intensificaram a corrida pela internacionalização das universidades, ampliando o número de acordos de mobilidade estudantil. Opondo-nos a uma visão monolíngue de internacionalização – segundo a qual as Instituições de Ensino Superior devem, o tanto quanto possível, funcionar em inglês –, defendemos a necessidade imperativa de que esse seja um processo plurilíngue, como forma de fazer face à corporatização dessas instituições e ao capitalismo acadêmico (SLAUGHTER & LESLIE, 2001) nelas em curso. Nesta perspectiva, o ensino-aprendizagem de português como língua adicional (PLA) tem um lugar de destaque, como meio de fortalecimento do português como língua de ciência e como ponte de acesso a diferentes culturas. Os trabalhos desta sessão de comunicações apresentam e analisam iniciativas e experiências de ensino-aprendizagem de PLA preocupadas em contribuir para processos de territorialização não verticalizada (BIZON, 2013), relativas ao planejamento de cursos, à produção de materiais didáticos, à realização de projetos pedagógicos e ao acolhimento de sujeitos frequentemente silenciados em certos processos de internacionalização, especificamente, participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e imigrantes deslocados forçados no Brasil.

Resumo individual 1

Autores: Ana Cecília Cossi Bizon e Leandro Rodrigues Alves

Indubitavelmente, a área de Português como Língua Adicional (PLA) passou, no Brasil, por um significativo processo de fortalecimento nos últimos anos, evidenciada, entre outros fatores, pelo aumento de pesquisas, publicações e eventos científicos na área, pela consolidação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) e pela ampliação da oferta de cursos voltados para alunos que desejam desenvolver sua proficiência em PLA ou que buscam formação para atuarem como professores/pesquisadores na área. Apesar disso, ainda são relativamente poucos os trabalhos que tenham em seu bojo uma preocupação com os sujeitos sóciohistóricos que participam de processos de territorialização menos ou mais verticalizados (BIZON, 2013) nos distintos processos por meio dos quais se lhes oferecem, ou não, cursos de PLA. Tais cursos, ainda que cada vez mais preocupados com a implementação de práticas comunicativas e interculturais, com alguma frequência, “ensinam língua e cultura, ou cultura na língua, mas não a língua como cultura”, como destaca Kramsch (1996). Em nossa comunicação, apresentaremos uma proposta para o ensino-aprendizagem de PLA assumidamente intercultural, que, afastando-se dos efeitos liberais de certas correntes do multiculturalismo (MAHER, 2007), procura trazer para o centro vozes do Sul historicamente silenciadas. Almejamos, dessa forma, contribuir para o fortalecimento de uma área de PLA responsiva às demandas sociais (MOITA LOPES, 2006), engajada com uma globalização alternativa (SANTOS, 1995), que chame ao diálogo outras vozes para além do eixo norte-ocidental, como forma de resistência ao movimento neoliberal de globalização.

Resumo individual 2

Autores: Marcela Dezotti Cândido e Yara Carolina Campos de Miranda

Em funcionamento desde 1965, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e algumas universidades públicas e privadas, permite que estrangeiros que tenham completado o ensino médio possam realizar seus estudos de graduação no Brasil. Com mais de cinquenta anos desde sua implementação, o PEC-G ainda é, frequentemente, apagado nos discursos de internacionalização das universidades brasileiras, ainda que seja esse o programa que mais traz estudantes internacionais para essas instituições. Outras questões que envolvem sua implementação são ainda mais invisibilizadas. Portanto, nosso trabalho objetiva contribuir para discussões que possibilitem refletir sobre a importância do PEC-G no processo de internacionalização das universidades brasileiras e para a promoção de uma educação do entorno (MAHER, 2007) por meio de uma breve análise do projeto Pelo Mundo, desenvolvido no curso preparatório de Português Língua Adicional para Candidatos ao PEC-G em 2015, em uma universidade federal mineira, que contou com diferentes atividades advindas das inquietações dos próprios estudantes sobre a forma como vinham sendo posicionados pela comunidade à qual buscavam se integrar. Discutiremos as políticas linguísticas que se configuraram no contexto analisado e sua contribuição para um processo pluricêntrico da internacionalização das universidades brasileiras por meio da educação do entorno.

Resumo individual 3

Autora: Ana Paula de Araújo Lopez

Havia muito tempo em que as migrações internacionais não impactavam a dinâmica demográfica brasileira (OLIVEIRA, 2015), mas isso tem mudado desde que o Brasil passou a figurar como país receptor de migrantes internacionais advindos de diferentes processos de migração forçada (AYDOS, 2010) ou de crise (CLOCHARD, 2007). Entre 2010 e 2016, houve um aumento de 2.868% nas solicitações de refúgio e, atualmente, há 8.863 refugiados reconhecidos no país, representantes de 79 nacionalidades diferentes, a sua maioria composta por imigrantes sírios (CONARE, 2016). Além dos refugiados, a convergência de outros deslocados forçados para o país também é expressiva, tais como demonstram dados da imigração haitiana, cuja população reconhecida no Brasil já chega aos quase 85 mil habitantes (MJC, 2016). Apesar de reconhecidos avanços na legislação brasileira no tratamento da imigração de deslocados forçados, poucas medidas são tomadas no âmbito do acolhimento e inserção social dessas pessoas na sociedade brasileira. Acreditamos que um dos pilares para a construção de processos de (re)territorialização não-precários (BIZON, 2013) por parte desses imigrantes seja a aprendizagem da língua portuguesa. Diante desse contexto, o presente trabalho buscará traçar um panorama de iniciativas de diversas universidades relativas à área de Português como Língua de Acolhimento e a outras ações de ensino, pesquisa e extensão, além de medidas voltadas para o acesso ao ensino superior e para a validação de diplomas desses imigrantes. Destaca-se que ações como essas, em conjunto com a educação do entorno e mudanças na legislação vigente, podem contribuir sobremaneira para o empoderamento desses grupos minoritarizados (MAHER, 2007).

Sessão: CC_01D

Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00

Local: Auditório 4 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)

Título da comunicação coordenada (submissão 99)

Migrações compulsórias à brasileira: representações de identidades envolvidas em lutas

Eixo temático: Fronteiras e migrações

Participantes	Afiliação
Leandro Rodrigues Alves Diniz (Coordenador)	Universidade Federal de Minas Gerais
Leandro Rodrigues Alves Diniz é mestre e doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor adjunto da Universidade UFMG. Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/6131363509796975 .	
Ana Cecília Cossi Bizon	Universidade Estadual de Campinas
Ana Cecília Cossi Bizon é mestre e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É docente do Instituto de Estudos da Linguagem dessa mesma universidade. Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8527660527228028	
Marcela Dezotti Cândido	Universidade Federal de Minas Gerais
Marcela Dezotti Cândido é graduada em Linguística e em Letras-Português e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (Poslin/UFMG). Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/042196201572670	
Yara Carolina Campos de Miranda	Universidade Federal de Minas Gerais
Yara Carolina Campos de Miranda é licenciada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação em Língua Espanhola e Língua Portuguesa. Atualmente, é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG). Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8550673296885611	
Ana Paula de Araújo Lopez	Universidade Federal de Minas Gerais
Ana Paula de Araújo Lopez é mestranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais e professora voluntária do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei. Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/5192187321944994	
Resumo Geral	
Os processos recentes de globalização (SANTOS, 1995, 2000; MIGNOLO, 2000), que seguem reinventando as noções de distância, espaço-tempo e territórios, intensificaram a corrida pela internacionalização das universidades, ampliando o número de acordos de mobilidade estudantil. Opondo-nos a uma visão monolíngue de internacionalização – segundo a qual as Instituições de Ensino Superior devem, o tanto quanto possível, funcionar em inglês –, defendemos a necessidade imperativa de que esse seja um processo plurilíngue, como forma de fazer face à corporatização dessas instituições e ao capitalismo acadêmico (SLAUGHTER & LESLIE, 2001) nelas em curso. Nesta perspectiva, o ensino-aprendizagem de português como língua adicional (PLA) tem um lugar de destaque, como meio de fortalecimento do português como língua de ciência e como ponte de acesso a diferentes culturas. Os trabalhos desta sessão de comunicações apresentam e analisam iniciativas e experiências de ensino-aprendizagem de PLA preocupadas em contribuir para processos de territorialização não verticalizada (BIZON, 2013), relativas ao planejamento de cursos, à produção de materiais didáticos, à realização de projetos pedagógicos e ao acolhimento de sujeitos frequentemente silenciados em certos processos de internacionalização, especificamente, participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e imigrantes deslocados forçados no Brasil.	

Resumo individual 1

Autores: Ana Cecília Cossi Bizon e Leandro Rodrigues Alves

Indubitavelmente, a área de Português como Língua Adicional (PLA) passou, no Brasil, por um significativo processo de fortalecimento nos últimos anos, evidenciada, entre outros fatores, pelo aumento de pesquisas, publicações e eventos científicos na área, pela consolidação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) e pela ampliação da oferta de cursos voltados para alunos que desejam desenvolver sua proficiência em PLA ou que buscam formação para atuarem como professores/pesquisadores na área. Apesar disso, ainda são relativamente poucos os trabalhos que tenham em seu bojo uma preocupação com os sujeitos sóciohistóricos que participam de processos de territorialização menos ou mais verticalizados (BIZON, 2013) nos distintos processos por meio dos quais se lhes oferecem, ou não, cursos de PLA. Tais cursos, ainda que cada vez mais preocupados com a implementação de práticas comunicativas e interculturais, com alguma frequência, “ensinam língua e cultura, ou cultura na língua, mas não a língua como cultura”, como destaca Kramsch (1996). Em nossa comunicação, apresentaremos uma proposta para o ensino-aprendizagem de PLA assumidamente intercultural, que, afastando-se dos efeitos liberais de certas correntes do multiculturalismo (MAHER, 2007), procura trazer para o centro vozes do Sul historicamente silenciadas. Almejamos, dessa forma, contribuir para o fortalecimento de uma área de PLA responsiva às demandas sociais (MOITA LOPES, 2006), engajada com uma globalização alternativa (SANTOS, 1995), que chame ao diálogo outras vozes para além do eixo norte-ocidental, como forma de resistência ao movimento neoliberal de globalização.

Resumo individual 2

Autores: Marcela Dezotti Cândido e Yara Carolina Campos de Miranda

Em funcionamento desde 1965, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e algumas universidades públicas e privadas, permite que estrangeiros que tenham completado o ensino médio possam realizar seus estudos de graduação no Brasil. Com mais de cinquenta anos desde sua implementação, o PEC-G ainda é, frequentemente, apagado nos discursos de internacionalização das universidades brasileiras, ainda que seja esse o programa que mais traz estudantes internacionais para essas instituições. Outras questões que envolvem sua implementação são ainda mais invisibilizadas. Portanto, nosso trabalho objetiva contribuir para discussões que possibilitem refletir sobre a importância do PEC-G no processo de internacionalização das universidades brasileiras e para a promoção de uma educação do entorno (MAHER, 2007) por meio de uma breve análise do projeto Pelo Mundo, desenvolvido no curso preparatório de Português Língua Adicional para Candidatos ao PEC-G em 2015, em uma universidade federal mineira, que contou com diferentes atividades advindas das inquietações dos próprios estudantes sobre a forma como vinham sendo posicionados pela comunidade à qual buscavam se integrar. Discutiremos as políticas linguísticas que se configuraram no contexto analisado e sua contribuição para um processo pluricêntrico da internacionalização das universidades brasileiras por meio da educação do entorno.

Resumo individual 3

Autora: Ana Paula de Araújo Lopez

Havia muito tempo em que as migrações internacionais não impactavam a dinâmica demográfica brasileira (OLIVEIRA, 2015), mas isso tem mudado desde que o Brasil passou a figurar como país receptor de migrantes internacionais advindos de diferentes processos de migração forçada (AYDOS, 2010) ou de crise (CLOCHARD, 2007). Entre 2010 e 2016, houve um aumento de 2.868% nas solicitações de refúgio e, atualmente, há 8.863 refugiados reconhecidos no país, representantes de 79 nacionalidades diferentes, a sua maioria composta por imigrantes sírios (CONARE, 2016). Além dos refugiados, a convergência de outros deslocados forçados para o país também é expressiva, tais como demonstram dados da imigração haitiana, cuja população reconhecida no Brasil já chega aos quase 85 mil habitantes (MJC, 2016). Apesar de reconhecidos avanços na legislação brasileira no tratamento da imigração de deslocados forçados, poucas medidas são tomadas no âmbito do acolhimento e inserção social dessas pessoas na sociedade brasileira. Acreditamos que um dos pilares para a construção de processos de (re)territorialização não-precários (BIZON, 2013) por parte desses imigrantes seja a aprendizagem da língua portuguesa. Diante desse contexto, o presente trabalho buscará traçar um panorama de iniciativas de diversas universidades relativas à área de Português como Língua de Acolhimento e a outras ações de ensino, pesquisa e extensão, além de medidas voltadas para o acesso ao ensino superior e para a validação de diplomas desses imigrantes. Destaca-se que ações como essas, em conjunto com a educação do entorno e mudanças na legislação vigente, podem contribuir sobremaneira para o empoderamento desses grupos minoritarizados (MAHER, 2007).

Sessão: CC_01E	
Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00	
Local: Sala 4079 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 110)	
Entre as coisas e as pessoas: arqueologia, materialidades e agências	
Eixo temático: Materialidades e representações	
Participantes	Afiliação
Mariana Petry Cabral (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), graduação em História - Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestrado em História (com temática na Arqueologia) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005) e Doutorado em Antropologia - Área de Concentração em Arqueologia pela Universidade Federal do Pará (2014). De 2005 a 2016, atuou no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. De 2010 a 2012, foi Coordenadora do Curso de Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia (2010-2012), na Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Atualmente é professora substituta do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG. Tem experiência na área de Arqueologia	
Talita Barbara Costa de Oliveira	Universidade Federal de Minas Gerais
Graduada no curso de Antropologia Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. cursando segunda graduação em Arqueologia com ênfase nos estudos de cerâmica Tupi.	
Marina Costa	Universidade Federal de Minas Gerais
Graduação em andamento em Antropologia Social, com habilitação em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Previsão de término 2º/2016. Pesquisa de monografia relacionada ao estudo do granito como antiplástico cerâmico, um contexto pensado a partir de cacos cerâmicos megalíticos, do período pré-colonial brasileiro. Orientação da Prof. Doutora Mariana Petry Cabral.	
Taísa Corrêa Jóia	Universidade Federal de Minas Gerais
Graduanda em Antropologia (início 2013), com habilitação em Arqueologia, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/ UFMG). Experiência de estágios e participação (escavações, curadoria, análise de material, educação patrimonial e elaboração de relatórios) em projetos acadêmicos (instituições LEACH/UFMG, FAFICH/UFMG MHN/UFMG). Intercâmbio pelo Programa Minas Mundi –2015/2 na Universidad Nacional Mayor de San Marcos – Peru.	
Resumo Geral	
Discussões sobre a relação entre coisas e pessoas fazem parte da disciplina de Arqueologia desde seus primórdios. Tal situação, no entanto, está longe de significar que haja na atualidade um consenso sobre como essas relações ocorrem e como arqueólogos e arqueólogas podem tratar este tema. Nos últimos anos, seguindo crítica sobre a limitação do uso do pensamento moderno ocidental para explicar outras realidades, uma série de estudos tem se voltado à reflexões sobre o papel da materialidade na constituição das pessoas. Tais estudos têm promovido discussões que apontam para as capacidades agentivas da materialidade na relação entre coisas e pessoas, colocando em cheque o predomínio da agência humana nas explicações sobre esta temática. Através dessa proposta, busca-se apresentar um exercício de interpretação arqueológica que se volta para a agência dos objetos, procurando explicações alternativas sobre o modo como coisas e pessoas, em tempos remotos, estiveram em relação. Este exercício coloca-se como desafio às explicações mais consensuais, em que as coisas tendem a ser entendidas como meros produtos da ação humana, trazendo – então – contribuições para repensarmos o próprio estatuto dos objetos, não apenas nos contextos antigos com os quais a Arqueologia usualmente lida, mas também com ressonâncias no mundo contemporâneo. Se coisas e pessoas deixam de serem pensadas dentro de uma estrutura hierarquizada (em que as pessoas dominam as coisas), temos a materialidade no contemporâneo. Tal exercício pode oferecer uma base interessante para uma auto crítica também sobre o modo como lidamos com o ambiente de um modo mais amplo.	

Resumo individual 1

Autores: Talita Barbara Costa de Oliveira

Esse trabalho propõe discutir como funciona a questão da agência dos objetos como nas cerâmicas arqueológicas, e em mais específico no material cerâmico em um sítio arqueológico localizado em Minas Gerais. Pois bem, Florestal II é um sítio localizado no município de Itueta na região do Vale Rio Doce, estando sobre o topo de um morro. Ele foi escavado no período de 2003/2004 pelos pesquisadores do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. O material cerâmico que fora coletado em superfície foi analisado por mim no período de 2015/2016. Quando buscamos nas etnografias que falam sobre as cerâmicas indígenas, podemos perceber que os grupos que as produzem não as tratam como simples utensílios, as cerâmicas são dotadas de agência assim como qualquer outro indivíduo. Lúcia Van Velthem (2003) nos fala que as cerâmicas estão no mesmo nível simbólico das pessoas, pois seriam fabricadas da mesma forma, e Santos Granero (2012), que os potes são moldados assim como são moldadas as pessoas. E ao analisar o material, pude aos poucos perceber que não estava manipulando-os simplesmente, mas estava sendo também manipulada por eles. Meus primeiros fragmentos não passaram de meras paredes sem decorações nem plásticas muito menos crômicas. Sendo que nesse primeiro instante, fiquei muito frustrada, pois não conseguia ver nada além de cacos. De repente, começa a surgir fragmentos pintados, naquele momento fiquei completamente encantada. E o mais interessante era que, conforme ia surgindo mais peças pintadas e decoradas, o resto que até então não possuía significado para mim, começou a ganhar vida, e passei a compreendê-los e entender também por que eles não eram pintados/decorados, mas eram tão importantes quanto os outros. Conforme fui sendo encantada pelos fragmentos comecei a perceber as histórias que haviam por trás de cada um. Na verdade, em todo o momento eles estavam tentando se comunicar, mas não conseguia compreender. Quando elas conseguiram me encantar, passei a ouvi-las (por mais que passei a ouvi-las, não quer dizer que as compreendias por inteiro, mas nossa relação ficou mais fluída). Com o tempo, comecei a perceber até os movimentos que as cerâmicas haviam pegado de suas oleiras. E junto a etnografias sobre, pude observar que as cerâmicas tomam o fluxo de vida de suas oleiras para viverem. Segundo Santos Granero (2012), as peças tomam as almas e as mãos de suas oleiras para ganhar vida, e depois que estão prontas continuam com as almas criando suas próprias agências. Enfim, podemos perceber que as cerâmicas não são apenas coisas, elas são coisas dotadas de encantamento e agência que seduz as pessoas que estão a sua volta.

Resumo individual 2

Autores: Marina Costa

Este trabalho se propõe a pensar, a partir de autores como Tim Ingold e Daniel Miller, um espaço onde as coisas (objetos) habitam independente da perspectiva humana. Alterar a posição de observação para compreender como os objetos nos edificam é um exercício proposto pelos estudos de Cultura Material cada vez mais presentes em teorias antropológicas e pesquisas de arqueologia. Uma terceira natureza seria um espaço “hipotético” onde os objetos estão inseridos e agem influenciando e delimitando as formas de estar no mundo de indivíduos em culturas diversas. Essa ideia é de certa forma complementar à teoria da Humildade das Coisas, proposta por Daniel Miller, cujo objetivo principal é nos fazer atentar para a “passividade ativa” dos objetos ao nosso redor. Compreender essa terceira natureza é abrir mão de outra forma de etnocentrismo, o etnocentrismo humano enquanto ser dominante da vida.

Resumo individual 3

Autora: Taísa Corrêa Jóia

A Antártica foi o último grande território a ser explorado pelo ser humano e é nesse ambiente hostil que o projeto Paisagens em Branco: Arqueologia Histórica Antártica, busca reconhecer as estratégias de ocupação do território utilizadas por grupos subalternos como, foqueiros e baleeiros durante os séc. XVIII-XIX. O estudo da cultura material, foco da arqueologia, permite a construção de histórias alternativas àquelas narradas oficialmente já que são parte do cotidiano. Este trabalho visa compreender e interpretar as relações desses grupos de marinheiros, foqueiros, baleeiros, com a cultura material com a qual estavam envolvidos. Focando inicialmente nas garrafas de bebidas intenciona-se analisar as práticas características ao ambiente antártico e a importância das mesmas para o modo como esses atores se relacionavam entre si e com a Antártica. As análises e interpretações apresentadas derivam de estudos realizados no material vítreo escavado durante as expedições de 2010 a 2014. A partir da remontagem desses vestígios pode-se identificar a presença de 13 garrafas. A análise das garrafas se deu levando em consideração a forma, a função e a cronologia das peças, e forneceram dados relacionados a datação de produção das garrafas (1780–1810), o tipo de bebida para

qual foram produzidas (cerveja e ginebra), o local de origem (Inglaterra) e a distribuição das mesmas nos sítios. Interpretando essas informações contextualmente foi possível inferir alguns comportamentos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas durante a estadia na Antártica, como a inexistência de um local específico para o consumo, a falta de artefatos individuais e a existência de vestígios relacionados às ações compartilhadas, informações essas que reforçam a ideia de que nesse ambiente a hierarquia e a identidade individual eram bastante flexíveis, quando existentes. Essas informações podem ser compreendidas enquanto estratégias alternativas diante de um ambiente onde o sistema capitalista e de poder não tem recursos para se manter e onde as leis e regras não se faziam condizentes, ou não se materializavam, ao menos quanto ao hábito de beber. Essas interpretações nos remetem a uma Antártica um pouco diferente do que se pode imaginar à primeira vista, sim, era um ambiente hostil, mas também um lugar de sociabilidade, informalidade e convívio grupal, contrastando com o ambiente das grandes cidades de onde esses marinheiros partiam.

Sessão: CC_01F	
Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00	
Local: Sala 4107 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 30)	
Identities and languages in the Brazilian context from different perspectives	
Eixo temático: Identities and languages	
Participantes	Afiliação
Luciane Corrêa Ferreira (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Luciane Corrêa Ferreira is assistant professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG) She was a CAPES/ FULBRIGHT visiting scholar in the Psychology Department at University of California, Santa Cruz in 2013. She got her Master in Translation Studies at the University of Vienna (1993) and her Ph.D. at the Federal University of Rio Grande do Sul in Brazil (2007). In 2015, she was a visiting guest lecturer at the Center for InterAmerican Studies (CIAS) at the University of Bielefeld, Germany. In 2016, she published the paper How Brazilian Students Conceptualize the Experience of Learning German for Academic Purposes in the Journal Pandemonium Germanicum.	
Argus Romero Abreu de Moraes	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Universidade Federal de Minas Gerais
Argus Romero Abreu de Moraes possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2005), mestrado em Linguística pela mesma universidade (2010) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). De 2013 a 2014, realizou estágio de doutorado na Université Paris-Est Créteil (UPEC), na França. Em 2016, concluiu a pesquisa de pós-doutorado “O problema mente/corpo na Análise do Discurso Francês”, financiado por bolsa PNPd/CAPES e realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL/UESB), onde atua como professor colaborador e participa do Grupo de Pesquisa Práticas, Escritas e Narrativas (GPPEN).	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Universidade Federal de Minas Gerais
Graduada em Letras- Português-Francês- pela PUC-Rio e em Études Françaises pela Université de Nancy II. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de Linguística Aplicada. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na área de Linguística Cognitiva, com estágio de doutorado no Laboratório de Psicologia Experimental do professor Raymond Gibbs da University of California, Santa Cruz. É professora adjunta do departamento de Linguística da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais sob a supervisão da professora Luciane Corrêa Ferreira.	

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Língua Inglesa e em Linguística Aplicada ao Ensino das Línguas Materna e Estrangeira pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras também pela Universidade Federal do Maranhão. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência nas áreas de Letras e Linguística, com especial interesse em Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Língua Inglesa e Literaturas de língua inglesa. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento Cognição e Linguagem - GELP/COLIN e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada - GEPLA, ambos da UFC, e líder das suas respectivas unidades na UFMA, além de membro do Projeto Internacional de Pesquisa Bibliography of Metaphor and Metonymy MetBib.

Resumo Geral

Os seguintes trabalhos utilizam a Linguística Cognitiva como aporte teórico, em interface com outras áreas, como Linguística Aplicada e Análise do Discurso, a fim de discutir questões referentes à identidade, cultura, sua relação com processos de categorização e seus desdobramentos, por exemplo no discurso político intolerante que contribui para o crescimento da extrema-direita no Brasil e no modo de falar nordestino, ao usar metáforas de animais, no discurso sobre violência doméstica e no discurso dos alunos intercambistas estrangeiros sobre a cultura brasileira, sua identidade como aprendizes de uma língua adicional e a visão do outro sobre a etnicidade, o novo idioma e a nova cultura. Os trabalhos vão problematizar o discurso intolerante por meio da metáfora emergente distribuída, assim como ideias e sentimentos sobre a violência doméstica contra a mulher se manifestam na fala de suas vítimas por meio de metáforas, o conceito de comunidade, o papel da cultura e da etnicidade dos alunos intercambistas ao falar sobre a experiência de aprender a língua estrangeira no Brasil, também por meio de metáforas e metonímias, e o uso de metáforas de animais como marca de identidade na cultura nordestina, a exemplo da expressão 'cabra (da peste)'. Todos estudos revelam a percepção da identidade, da língua e da cultura, quer seja do aprendiz, da vítima de violência e do cidadão no mundo, a partir de uma abordagem cognitiva (Lakof/Johnson, 2003; Kövecses, 2005) e discursiva (Cameron et al., 2009; Charaudeau, 2008; Cameron/ Maslen, 2010), ao realizar análises de língua em uso a partir de uma perspectiva sócio-cognitiva situada.

Resumo individual 1

Autora: Luciane Corrêa Ferreira

Uma parte importante na integração e acolhimento a estrangeiros é o ensino da língua adicional, já que eles precisam dominar o idioma nativo a fim de poder cumprir rotinas diárias no novo país, procurar emprego ou estudar, visando a se integrar no mercado de trabalho e a obter plena cidadania. No Brasil, o ensino de Português como Língua Adicional (PLA) está concentrado principalmente nas Universidades e cursos livres. Canagarajah (2010) discute o conceito de comunidade e o papel da cultura e da etnicidade para a delimitação desse conceito. Norton (2013) argumenta que há relações de poder a influenciar a etnicidade, a questão de gênero e de classes sociais. Todos esses fatores irão influenciar o investimento do imigrante na aprendizagem da língua de acolhimento. Pretendemos observar como a identidade e a cultura do aprendiz de PLA se manifestam na busca de sua plena cidadania no Brasil. Também pretendemos investigar que relações de poder norteiam tais interações entre “recém chegados” e cidadãos brasileiros. Algumas questões que investigamos são: Qual a importância da etnicidade na interação dos estudantes imigrantes com seus interlocutores? Quais os discursos desses estudantes sobre a situação de acolhimento no novo país? Qual o papel da sua cultura e das crenças na aprendizagem de PLA na busca pela integração como cidadão pertencente a nova cultura (no caso, do Brasil)? Empregou-se metodologia de coleta de dados com grupos focais e análise de metáforas guiada pelo discurso (Cameron, 2010), a fim de analisar metáforas que emergem sistematicamente na interação entre aprendizes de PLA ao falar sobre suas expectativas, emoções e crenças relacionadas à aprendizagem de línguas estrangeiras. Detectamos a presença de metáforas sistemáticas como APRENDER É TRABALHO DURO e APRENDER É PULAR BARREIRAS, imbricadas com metáforas conceituais como EDUCAÇÃO É VIAGEM, CULTURA É UM CONTÊINER e DIFICULDADES SÃO PESO.

Resumo individual 2

Autor: Argus Romero Abreu de Morais

O presente trabalho se enquadra no rol das pesquisas que procuram compreender alguns aspectos da atual conjuntura política brasileira; ancora-se, para tanto, na tradição francesa de Análise do Discurso, no campo da Linguística, para analisar o discurso da extrema-direita brasileira, o qual tem conseguido se afirmar com

ênfase significativa no debate público nacional. Nesse intuito, propomo-nos a investigar a constituição do discurso de um dos principais representantes da extrema-direita nacional, o do deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), analisando, para tanto, seu voto proferido na Câmara dos Deputados, no dia 17 de abril de 2016, na sessão que aprovou a abertura do processo de impeachment da então presidente brasileira, Dilma Rousseff, e três enunciados publicados em seu perfil na rede social Facebook, o qual, até a data de 06 de setembro de 2016, contava com a expressiva marca de 3 milhões 328 mil e 529 seguidores. Dito isso, cumpre-nos destacar os nossos pressupostos teóricos para a definição do discurso da extrema-direita brasileira na atualidade: primeiro, constitui-se na interface entre os discursos político-econômico neoliberal, conservador cristão e o nacionalista militar (LOWY, 2015; CHAUI, 2016), rompendo com o “ideal social” do direito à alteridade e à pluralidade (CHARAUDEAU, 2008); segundo, no que diz respeito às suas características argumentativas, apresenta-se como uma interface entre a interação discordante (EMEDIATO, 2011) e o discurso intolerante (BARROS, 2007); terceiro, cognitivodiscursivamente, organiza-se através da metáfora emergente distribuída (MORAIS, 2015) “O OUTRO É INIMIGO”, através da qual o “eu” se constrói simbolicamente na figura do “cidadão de bem”.

Resumo individual 3

Autora: Fernanda Carneiro Cavalcanti

Kövecses (2005) assinala que, com base em desenhos feitos em cavernas mostrando homens em forma de animais, o arqueólogo cognitivo Steve Mithen defende que o desenvolvimento do pensamento metafórico teria aparecido no período do Paleolítico Superior. Kövecses (op.cit.) estima, assim, que o estudo de metáforas animais seria relevante para que se investiguem processos antropológicos antigos, como o totemismo. Para Lakoff e Turner (1989), o modelo cultural A Grande Cadeia do Ser, de origem fundamentalmente judaico-cristã, seria um tipo de Modelo Cognitivo Idealizado com o qual estabelecemos relação entre uma grande gama de seres no universo, dentre os quais os animais. De acordo com pesquisas realizadas, Kövecses (2010) afirma que o domínio fonte animal não apenas seria o terceiro domínio mais produtivo como as metáforas animais apresentariam forte pendor pejorativo, provavelmente, em razão da categorização de animal com base no modelo A Grande Cadeia do Ser no qual animal é compreendido como inferior ao homem. Por outro lado, Durkheim (1902), ao discutir a natureza da relação dos membros de comunidades com animal totêmico, postula que nas comunidades regidas por totem menos antigas, caçar e comer os animais totêmicos era proibido por tais membros acreditavam deles eram descendentes. Nessa perspectiva, este trabalho visa discutir a relação entre cultura e processo de categorização dos animais, especialmente metáforas animais como a de cabra encontrada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, na qual tal animal é conceptualizado em termos de homem, ou ainda em termos de homem de origem rural e mestiça, viril, valente, bom caráter e até mesmo violento.

Resumo individual 4

Autora: Monica Fontenelle Carneiro

A violência preocupa governos e sociedades no mundo atual, em decorrência dos seus crescentes índices que, hoje, já se assemelham àqueles de áreas envolvidas em conflitos armados ou atingidas por catástrofes. No mundo acadêmico, é objeto de estudo de muitos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Nesta investigação, analisamos a violência doméstica contra mulheres, considerando que tal fenômeno faz parte do cotidiano de muitas delas. Longe de apresentar o cenário real, as estatísticas demonstram, segundo a OMS (2002), que 20% das vítimas dessa violência no Brasil preferem silenciar, seja por esperança de um futuro sem agressões ou por medo dos que as perpetraram. A ancoragem na Análise do Discurso à Luz da Metáfora, abordagem proposta por Cameron (2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; e CAMERON; MASLEN, 2010) que compreende a metáfora como parte integrante da linguagem em uso, portanto, local e emersa no discurso, assim como também a considera um sistema complexo, buscamos investigar como ideias e sentimentos relativos à violência doméstica contra a mulher se manifestam na fala de suas vítimas diretas, contribuindo não só para a compreensão desse fenômeno e suas causas, mas também para a implantação de políticas e medidas direcionadas para a redução de seus índices. O corpus desta pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, constitui-se da transcrição da fala de seis vítimas dessa violência, todas participantes do encontro de um grupo focal. Os dados obtidos, depois de transcritos e revisados, foram preparados para as análises, cujos resultados apontam para a emergência de metáforas sistemáticas, tais como: TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEM UM FIM PARA ALGO e VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO na fala das participantes em sua manifestação de ideias e sentimentos sobre a violência doméstica que as atinge.

Sessão: CC_01G	
Horário: 04/10/2016 das 14h30 às 16h00	
Local: Sala 4108 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 37)	
Línguas minoritárias: patrimônio em perigo	
Eixo temático: Identidades e línguas	
Participantes	Afiliação
Aléxia Duchowny (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
Professora adjunta da Área de estudos diacrônicos da Faculdade de Letras da UFMG. Doutora e mestre em Estudos linguísticos pela Fale/UFMG.	
Simone Gomes	Universidade Federal de Minas Gerais
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em EstudosLinguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista da CAPES. Mestre em LinguísticaTeórica e Descritiva (2015). Bacharel em Letras, língua francesa com ênfase em estudoslinguísticos. Possui licenciatura em Ciências Sociais pelo Universidade Federal de MinasGerais. Realizou estágio e trabalho de campo em Lyon na França, na área de línguasregionais e línguas em extinção.	
Maria Antonieta Cohen	Universidade Federal de Minas Gerais
Professora titular de Filologia Românica da Fale/UFMG. Mestre em Linguística pela UFMG, Doutora em Linguística Histórica pelo IEL/Unicamp. Realizou Pós-doutorado na Université Stendahl, Grenoble,França nas áreas de dialetologia e Linguística Histórica.	
Viviane Cunha	Universidade Federal de Minas Gerais
Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutorado realizada no Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale, na Universidade de Poitiers – França, concluída em 2004. Pós-Doutoramento na Faculdade de Filologia, da Universidade de Santiago de Compostela, concluído em 2014. Possui mais de 50 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, e um livro publicado na França: Les voix des femmes dans l'univers roman médiéval, em 2004, pela ANRT.	
Resumo Geral	
A diversidade linguística tem diminuído de forma cada vez mais rápida e vários são muitos os fatores que favorecem o fenômeno, tais como as conquistas coloniais europeias dos séculos passados e, atualmente, a consolidação dos estados nacionais e a globalização. A homogeneidade linguística é vista como uma vantagem nos tempos de internacionalização dos mercados, de progresso científico e da internet. As línguas faladas por poucos ficam marginalizadas, diminuindo o plurilinguismo e o multiculturalismo. Assim, Viviane Cunha se preocupa com o futuro das línguas românicas e analisa o contato linguístico, tendo-se como pressuposto que a identidade latina ultrapassa a questão linguística, sendo um modus vivendi, em oposição ao monopólio cultural anglo-americano. O franco-provençal, língua do sudeste da França, tem sido sufocada pelo francês, língua de prestígio. As línguas regionais como o provençal tentaram, em vão, manter sua presença, já que o uso delas era visto como uma força que desunia a não, conforme apresenta Simone Gomes. Já Aléxia Duchowny tenta encontrar melhores perspectivas para as línguas minoritárias, e até mesmo as que já desapareceram, propondo seu ensino/aprendizado nas Faculdades de Letras. Maria Antonieta Cohen, por sua vez, propõe uma metodologia de trabalho para se estudar a língua dos ciganos, o romaní. Trata-se de uma língua não-territorializada, devido ao nomadismo do povo que a fala, que corre grandes riscos de desaparecer. Todas as línguas aqui discutidas não recebem o valor devido por part e da sociedade, das autoridades e tampouco de seus próprios falantes, por não atingirem status oficial. Fica claro, então, a necessidade de políticas linguísticas eficazes para sua preservação, divulgação e revitalização.	

Resumo individual 1

Autora: Aléxia Duchowny

Quando os reis católicos, em 1492, expulsam os judeus de seus territórios, estes milhares de falantes de português, galego, catalão, valenciano, andaluz, navarrês e aragonês, mas principalmente de castelhano, se distribuem em vários países: Marrocos, Portugal, Itália, Holanda, França e Império otomano (atuais Turquia, Bulgária, Romênia, Sérvia e Grécia). Desenvolve-se, desde então, o judeu-espanhol, língua românica, judaica e não territorializada. Atualmente, essa fusion language só existe, praticamente, nos textos escritos nos séculos passados, devido a vários fatores: rehispanização, ausência de uma territorialidade precisa, ausência de normatização são apenas alguns deles. Assim, pergunta-se se haveria alguma justificativa para se ensiná-la nas universidades, especialmente nos cursos de Letras. Sim, é a nossa resposta. Fornecer conhecimentos sobre uma língua desaparecida é imprescindível para a formação dos profissionais de Letras e as razões serão aqui discutidas, tais como: conhecimento de uma cultura única e multifacetada; transmissão de saberes, de diversas áreas, desenvolvidos por esses falantes; divulgação das características da identidade desta comunidade de fala. Toda, qualquer língua, fornece, também, dados que nos permitem um melhor conhecimento da linguagem humana, de um modo geral. No caso do judeuespanhol, a língua ainda possibilita reconstruir, de modo parcial, fases pretéritas das línguas que contribuíram para a sua formação. Essa reconstituição é muitas vezes difícil ou até impossível de ser feita com os dados das próprias línguas, e o judeu -espanhol, rico em arcaísmos, permite sanar muitas lacunas.

Resumo individual 2

Autora: Simone Gomes

O francoprovençal, língua românica falada no sudeste da França, encontra-se em processo de desaparecimento nesse país, onde a língua francesa se expandiu enormemente, sobretudo a partir do século XIX, suplantando as demais línguas regionais que floresceram no território da antiga Gália. A constituição do Estado Francês, remonta ao século XIV, porém a unificação em termos linguísticos, idealizada e iniciada na Revolução Francesa, só se concretizou com a implantação do ensino obrigatório em francês (1890) e após a Segunda Guerra Mundial, quando o sentimento nacionalista exacerbado intensificou a ruptura da transmissão das línguas regionais, representando uma espécie de “golpe de misericórdia” no bilinguismo/multilinguismo até então dominantes no território francês. A construção de uma identidade nacional somou-se então às identidades locais de cada vilarejo, com suas tradições, seu patrimônio material, espiritual e seu patois, sua língua regional. Esse processo se deu, entretanto, de maneira conflituosa e impositiva, com uma luta assaz violenta contra as línguas regionais. O apego ao patois foi visto como atraso, ignorância, força desagregadora da nação, o que colocou o indivíduo na posição de ter de abandonar sua língua materna, contribuindo para que a identidade nacional se sobrepusesse à identidade regional/local. Atualmente, com os movimentos de recuperação das línguas minoritárias, a identidade regional/local entra em evidência e torna-se um instrumento estratégico na missão de valorização dessas línguas, de atrair pessoas e investimentos para tal empreitada. Na presente comunicação, proponho a discussão da problemática nacional versus regional/local com base na experiência que tive durante o trabalho de campo realizado no departamento Ain, na França, em especial na minha participação no projeto de formação de agentes comunitários atuantes na difusão, transmissão e valorização dos patois, onde discussões acerca do papel dessas línguas na atualidade e para as novas gerações tocaram questões e conflitos de ordem identitárias

Resumo individual 3

Autora: Maria Antonieta Cohen

A propósito do tema territorialidades trazemos a questão das línguas não territorializadas, como as chamamos em trabalho anterior (COHEN, 2002). Tais línguas, como é de se esperar, não são conhecidas como línguas propriamente pelo público leigo, para quem línguas são as grandes línguas nacionais e literárias, línguas de cultura, nos dizeres de HOUAISS (1985). Elas são minoritárias e minorizadas, pelos próprios falantes ou usuários. Essas línguas, via de regra, não atingem um status de oficialidade, nunca chegando a ser língua nacional ou oficial de um país. Ficam como que escondidas sob a capa das línguas oficiais e é necessária uma política linguística para sua preservação ou revitalização para que elas passem a ser conhecidas, pelo menos. Das 6000 línguas faladas hoje no mundo, as mais conhecidas e estudadas, como as românicas, as germânicas, as eslavas, as semíticas e sino-coreanas perfazem cerca de apenas 5% do total. Os restantes 95% são constituídos de línguas que possuem poucos falantes. Dentre essas, focalizaremos nossa atenção na língua dos ciganos, que seriam por excelência, as línguas não-territorializadas

devido ao nomadismo do povo que a fala. O nome geral para a língua dos ciganos é romaní, classificado como pertencente à família indo-europeia. No Brasil, que recebeu ciganos vindos da Península ibérica, na sua maioria, a língua tem outros nomes como calon, caló ou chibe e está em avançado grau de extinção. Trataremos de questões diversas relativas a tais línguas, como a metodologia de trabalho, o acesso aos dados dessa língua, junto a grupos que porventura ainda a mantêm, dentre outras não menos relevantes.

Resumo individual 4

Autora: Viviane Cunha

Numa época de globalização cada vez mais acelerada vem sendo questionado o futuro de algumas línguas românicas e a sua identidade latina. O contato com outras línguas em situação de hegemonia resulta, muitas vezes, em perda de terreno para algumas línguas menos faladas. Em um congresso que se realizou há quase 20 anos (1998), na Universidade de Cluj-Napoca, uma das mais tradicionais da Romênia, o referido evento teve como título “A latinidade: o futuro de um passado”. Questionava-se desde então o destino das línguas descendentes do latim. O latim teve uma sucessão de perdas no transcorrer de sua história - a partir do século V deixa de ser língua falada; por volta do século IX perde o terreno da literatura; por volta do século XVII perde o domínio da ciência; porém continua como a língua da filosofia, do direito e da religião, cujas perdas ocorrerão no século XX. Hoje o latim continua apenas como língua franca do Vaticano. Sabe-se que a identidade latina ultrapassa a questão linguística, ela é um *modus vivendi*, uma maneira de ser no mundo, que muda rapidamente nos tempos atuais, numa direção única, em face do monopólio cultural anglo-americano. É sem dúvida a língua o veículo transmissor da cultura, logo, da latinidade, daí a minha escolha do tema: a história externa das línguas românicas e dos seus contatos linguísticos, a fim de observar o caráter identitário das mesmas.